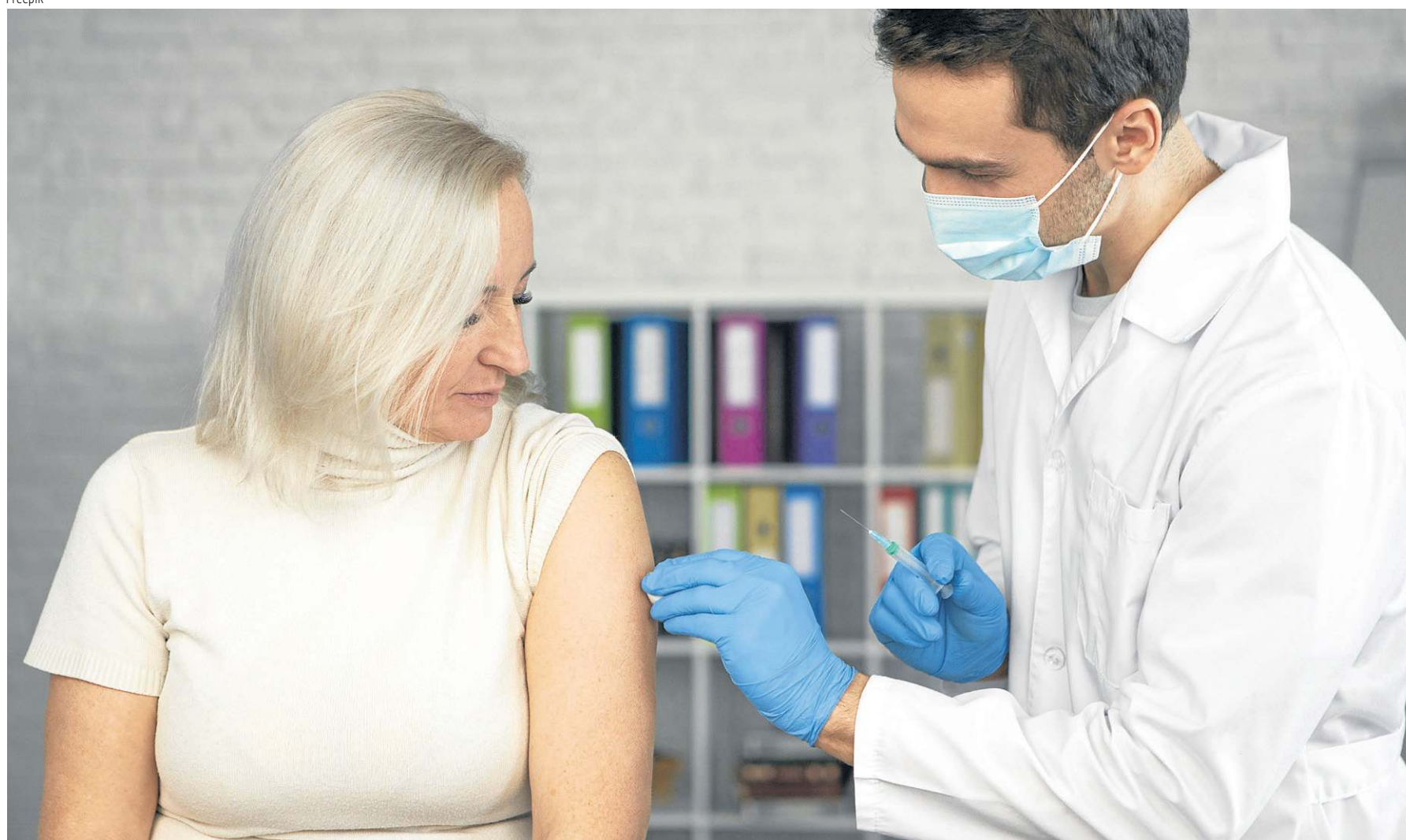


COVID-19 ELEVA gordura no sangue

Com a pandemia, aumenta o risco de dislipidemia, condição que faz subir os níveis de lipídios no sangue, sobretudo colesterol e triglicérides. A ameaça é de mais casos de infartos e acidentes vasculares cerebrais

Freepik



Mais de 200 mil adultos tiveram material coletado e analisado, os resultados mostram que a situação se agrava para quem está acima de 65 anos

» ISABELLA ALMEIDA

Cientistas do Albert Einstein College of Medicine, nos Estados Unidos, revelaram em uma pesquisa, os impactos de longo prazo da covid-19 nos níveis de colesterol e triglicérides. O trabalho, que analisou dados de mais de 200 mil adultos, mostrou que a pandemia levou a um aumento de 29% no risco de dislipidemia, uma condição caracterizada por níveis anormais de lipídios no sangue. Esse problema aumenta o risco para doenças cardiovasculares graves, como infartos e acidentes vasculares cerebrais. Os resultados foram publicados, ontem, no *Journal of Clinical Investigation*.

Gaetano Santulli, autor principal do estudo e professor associado na

Einstein, destacou que essas descobertas têm grandes implicações. Ele recomendou que as pessoas monitorem regularmente os níveis de lipídios. Segundo Santulli esse conselho se aplica amplamente, já que uma grande parcela da população foi infectada pela covid-19, mesmo quem não teve um diagnóstico formal.

Pesquisas anteriores da equipe de Santulli também indicaram que a doença infecciosa aumentou a probabilidade de desenvolvimento de hipertensão e diabetes tipo 2, com riscos que persistiram até três anos após o início da pandemia. No novo trabalho, os pesquisadores compararam as taxas de dislipidemia entre participantes em Nápoles, Itália, durante os três anos anteriores e posteriores à pandemia, excluindo cuidadosamente

aqueles com diagnósticos prévios ou em uso de medicamentos específicos.

Os resultados mostraram um aumento médio de 29% no risco de dislipidemia em todo o grupo estudado, sendo a elevação ainda mais acentuada entre indivíduos com mais de 65 anos e aqueles com condições crônicas, como diabetes e obesidade. Diferente de ensaios anteriores que utilizaram grupos de controle variados, a nova pesquisa acompanhou a mesma população ao longo do tempo, o que, segundo os cientistas, fortalece os resultados.

Conforme os autores, os mecanismos ligados ao aumento do risco de dislipidemia ainda não estão claros, embora uma hipótese sugira que o vírus SARS-CoV-2 possa prejudicar a função das células endoteliais, essenciais para a regulação lipídica. Além disso, um estudo recente associou a covid-19

a riscos elevados de eventos cardiovasculares por até três anos após a infecção, reforçando ainda mais a necessidade de um manejo eficaz da dislipidemia para mitigar esses riscos. Agora, a equipe de estudo investiga as conexões entre a doença infecciosa e a síndrome cardiovascular-renal-metabólica — condição que envolve doenças cardíacas, problemas renais, diabetes e obesidade, todos ligados à disfunção endotelial.

João Lindolfo Borges, endocrinologista e ex-presidente da Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia, detalha que a covid-19 desencadeia uma resposta inflamatória intensa no organismo, chamada de "tempestade de citocinas". Segundo o especialista, "citocinas pró-inflamatórias são liberadas em grandes quantidades durante

Palavra de especialista

Arquivo pessoal



Mudanças de hábito

A covid-19 aumentou o risco de uma série de distúrbios metabólicos, especialmente doenças cardiovasculares. Podemos atribuir parte desse efeito à pandemia, que levou a mudanças nos hábitos. Grande parte da população precisou ficar reclusa em casa, o que resultou em uma redução da atividade física. A alimentação também mudou; muitas pessoas apresentaram um ganho de peso significativo, aumentando as taxas de obesidade e de excesso de peso de modo geral. Observamos um aumento expressivo de doenças como hipertensão arterial, diabetes e dislipidemia, todas associadas ao ganho de peso, à alimentação inadequada e ao sedentarismo. O estresse também pode ter contribuído para o surgimento de doenças mentais, como transtornos de ansiedade e depressão.

Fernando Valente,
endocrinologista da Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia Regional São Paulo

a infecção, promovendo inflamação sistêmica. Essa inflamação contínua pode impactar o metabolismo lipídico, prejudicando o transporte, a síntese e a degradação de lipídios, o que, a longo prazo, contribui para a formação de placas ateroscleróticas e aumento dos níveis de colesterol total e LDL."

» Tubo de ensaio | Fatos científicos da semana

AFP



Segunda-feira, 28 MONTE FUJI SEM NEVE

Em 130 anos, o Monte Fuji, símbolo do Japão, nunca havia passado tanto tempo sem neve, anunciou a agência meteorológica do país. Normalmente, o cume do vulcão começa a ficar coberto por volta de 2 de outubro. Em 2023, os primeiros flocos caíram em 5 de outubro. Este ano, não houve nevasca devido às altas temperaturas, segundo Yutaka Katsuta, meteorologista do serviço de Kofu, no centro do Japão. Desde que os registros começaram em 1894, pelo menos uma nevasca foi registrada antes de 26 de outubro. Somente em 1955 e 2016 a neve esperou até essa data. O Monte Fuji fica coberto de neve na maior parte do ano, exceto de julho a setembro. Nesse período, muitos alpinistas aproveitam para escalar seu cume durante a noite e ver o sol nascer a 3.776 metros acima do nível do mar.

Terça-feira, 29 CIDADE "ESQUECIDA" NA SELVA MEXICANA

Cientistas descobriram um sítio arqueológico maia que se estende por mais de 16 km² no meio da selva do sudeste do México. O lugar — chamado Valeriana por causa de sua proximidade com uma lagoa de mesmo nome no estado de Campeche — tem "vestígios de infraestrutura agrícola e estruturas típicas de um sítio maia do período clássico (250-900 d.C.)", de acordo com um comunicado do Instituto Nacional de Antropologia e História (INAH). Os cientistas mexicanos e norte-americanos, que participaram da descoberta, reconheceram duas áreas principais com traços de arquitetura monumental. A maior delas "tem praças fechadas conectadas por uma estrada larga, edifícios piramidais, um jogo de bola", bem como "um reservatório formado pela represa de um riacho", explicou o INAH. A outra parte apresenta um complexo arquitetônico do tipo conhecido como "Grupo E", associado à era pré-clássica da civilização maia, e indicaria "a existência de uma etapa fundacional anterior ao ano 150 de nossa era".

Quarta-feira, 30 TUBERCULOSE PREOCUPA

Quase 8,2 milhões de novos casos de tuberculose foram diagnosticados no ano passado em todo o mundo, destaca um relatório da Organização Mundial da Saúde (OMS). Trata-se do número mais alto já registrado desde que a agência das Nações Unidas começou seu acompanhamento, há quase 30 anos. O documento descreve os "progressos desiguais conquistados na luta mundial contra a doença, com dificuldades persistentes como a grave falta de financiamento". Enquanto o número de mortes relacionadas à tuberculose diminuiu, passando de 1,32 milhão em 2022 para 1,25 milhão em 2023, o número total de pessoas que contraíram a doença aumentou. Como nem todos os novos casos são diagnosticados, a OMS avalia que aproximadamente 10,8 milhões de pessoas contraíram realmente a doença no ano passado. A maioria das pessoas que desenvolvem tuberculose está em 30 países. Cinco deles representaram juntos, no ano passado, 56% do total mundial: Índia (26%), Indonésia (10%), China (6,8%), Filipinas (6,8%) e Paquistão (6,3%).

Quinta-feira, 31 TEOREMA EM XEQUE

Os cálculos de dois matemáticos australianos colocaram em xeque o "teorema do macaco infinito", segundo o qual um macaco, digitando aleatoriamente em uma máquina de escrever, acabaria reproduzindo, por exemplo, as obras completas de Shakespeare, se lhe fosse dado tempo suficiente. Essa hipótese, formulada há mais de um século, sugere que, com tempo suficiente, algo improvável, mas tecnicamente possível, pode se concretizar. No entanto, os matemáticos calcularam que mesmo todos os chimpanzés do mundo "quase com certeza" nunca conseguiriam reproduzir as obras do dramaturgo e poeta inglês, mesmo tendo a duração do Universo para isso. Em estudo publicado na revista *Franklin Open*, eles concluíram que um único macaco, digitando durante toda a sua vida, teria apenas 5% de chances de que em suas combinações de letras aparecesse a palavra "banana". Uma palavra que, por sinal, está ausente das 884.647 que compõem as obras completas de William Shakespeare.